

Sexo	Idade	Grupo de docência	Anos de serviço	Escola
Feminino	48	EV/Geometria (600) (3º ciclo/Secundário)	+ ou - 20	Distrito do Porto

A professora, da disciplina de EV, disponibilizou-se para conversar comigo sobre o processo de avaliação de desempenho docente que ocorreu no ano letivo transato.

Depois de uma conversa informal com a professora avaliada iniciamos a nossa entrevista.

Eu: De que forma é que a professora se preparou para o processo de avaliação de desempenho docente que ocorreu no ano letivo transato?

Entrevistada: Não me preparei. Eu acho que este processo tem de ir de encontro às minhas práticas, além do plano de aula que tive de fazer, não fiz mais nada. Normalmente faço o meu plano e os meus registos mentalmente. Desta vez fiz mesmo o plano de aula. Combinei com a minha avaliadora que poderia assistir às aulas quando o entendesse.

Eu: Esse acordo, foi combinado entre os dois intervenientes no processo?

Entrevistada: Sim! As aulas foram marcadas quando dava jeito às duas. As aulas programadas para o exterior, dependiam do tempo, por isso não podia haver uma programação prévia. Eu pedi 3 aulas assistidas, mas a minha avaliadora disse-me que seriam suficientes apenas duas, não seria necessária a observação de uma terceira aula. Fiz um requerimento a dizer que prescindia da terceira aula observada e não houve qualquer problema.

Eu: Muito bem! De que forma é que o seu processo na escola foi preparado? Sentiu que a escola a esclareceu, a informação que chegava do órgão de gestão foi suficiente, sentiu-se preparada?

Entrevistada: Toda e qualquer informação chegava através da minha avaliadora, ela é que me esclarecia. Qualquer dúvida que tivesse, o Presidente do Conselho Executiva, esclarecia-me, na altura da entrega dos objetivos individuais, o Presidente esclareceu-me sobre este processo. Mas tanto um como outro esclareciam-me sobre qualquer dúvida que eu tivesse.

Eu: A professora recebeu formação para este processo.

Entrevistada: Sim. Houve uma formação para professores avaliados, (formação da DGRHE) em X.

Eu: Qual foi o tempo de duração dessa formação?

Entrevistada: Acho que foram 3 sábados.

Eu: Sentiu-se mais bem preparada, mais esclarecida?

Entrevistada: Não, até porque eu já estava no processo na altura em que a formação ocorreu, eu já estava esclarecida.

Eu: Já tinha tido alguma aula observada?

Entrevistada: Já! Mas não fui eu que me inscrevi nessa formação. O Conselho Executivo é que me inscreveu, justificando que a formação me seria útil. Fiz então a formação, gostei da formação, mas não acrescentou muito mais àquilo que eu já sabia. Sou uma pessoa que tento informar-me, por isso estou, sempre, mais ou menos a par do que se vai passando, considero-me minimamente informada. Aliás, no meu círculo de amigos, costumamos discutir estas questões.

Eu: Sentiu-se confortável neste processo? Teve dúvidas, foi inibidor?

Entrevistado: Não! Não tive qualquer tipo de constrangimentos. Eu só fui para este processo porque estava no 7º escalão e porque também sabia que não iria haver grandes alterações no processo e acho que não podia estar a ser prejudicada por este processo, pelo facto de não concordar com ele. O que penso que está errado foi a forma como este processo foi implementado. Eu não sou contra a avaliação.

Eu: Como é que acha, então, que a avaliação deve ser feita?

Entrevistado: Não pode ser neste sistema. Sou contra a forma como ela foi feita, não acho que seja muito correto um colega estar a avaliar outro colega.

Eu: Não concorda com a avaliação entre pares?

Entrevistada: Não! Não concordo, até porque temos formações diferentes.

Eu: O professor avaliador deve, então, ter uma formação específica?

Entrevistada: Sim, sim, tem de ter uma formação específica.

Eu: Concorda então com a avaliação externa

Entrevistada: Uma avaliação que não seja entre pares. Eu acho que as pessoas não têm que se conhecer para que seja feita uma avaliação correta.

Eu: Se as pessoas se conhecerem, acha que pode influenciar a avaliação?

Entrevistada: No nosso caso não aconteceu isso, mas sei que houve casos em que a avaliação foi influenciada, devido ao tipo de relações que as pessoas tinham. Eu acho que isso não é correto, porque o resultado da avaliação traz

outras questões, como por exemplo ao nível de concursos. Penso que a avaliação deveria ser feita pelas faculdades. Pois, têm pessoas especializadas nessa área, por isso penso que são eles que têm preparação, tanto ao nível científico como ao nível pedagógico, para ir para o terreno fazer a avaliação. Também não acho que deva haver marcação para observar as aulas. O que eu faço normalmente nas aulas é o que faço quando tenho a presença de um colega na aula, aliás disse à minha avaliadora que não iria preparar aulas específicas para as aulas observadas, até porque eu posso, quando o entender ir às aulas dela, assim como ela pode vir às minhas, sem avisar.

Eu: Há uma partilha de experiências, de troca de estratégias, de sugestões, de materiais de colaboração?

Entrevistada: Eu acho que há essa colaboração. Eu acho que isso é importante.

Eu: Faz sentido que assim seja.

Entrevistada: Faz, claro!

Eu: Relativamente aos instrumentos que foram utilizados na sua avaliação, a professora colaborou na elaboração dos instrumentos?

Entrevistada: Os instrumentos foram feitos por uma equipa. Mais tarde foram a Conselho Pedagógico e foram também trabalhados pelo grupo e voltaram a Conselho Pedagógico. Houve sempre alterações que foram feitas.

Eu: A Professora teve conhecimento prévio dos instrumentos que iam ser utilizados na sua avaliação?

Entrevistada: Sim, tinha!

Eu: Muito bem! Antes das aulas observadas reuniu com a avaliadora, no sentido de prepararem a aula que iria ser observada?

Entrevistada: Não!

Eu: Teve autonomia para preparar as suas aulas?

Entrevistado: Sim, total!

Eu: Que registos foram utilizados neste processo?

Entrevistada: Basicamente os que saíram do pedagógico. A avaliadora fez os seus registos, mas penso que foi essencialmente isso.

Eu: Reuniu várias vezes com o avaliador, ou tinham apenas conversas informais?

Entrevistada: Sim! Reunimos várias vezes, mas sempre de uma forma informal.

Eu: Há registos desses encontros informais?

Entrevistada: Não!

Eu: Mas nunca reuniram especificamente para falar deste processo?

Entrevistada: Sim! Penso que reunimos, apenas uma vez, para falar do processo de avaliação, para ver se eu concordava com o que estava proposto, mas não sei se ela (avaliadora) fez algum registo.

Eu: Foi um processo que decorreu, então, naturalmente?

Entrevistado: Sim! Foi tudo muito informal. Decorreu naturalmente e não me senti minimamente constrangida. Agora sei que há escolas em que o processo foi muito complicado, mas penso que isto tem muito a ver com os grupos, com a forma como as pessoas são e vêem o processo.

Eu: Muito bem! Os professores não mudaram, então, as suas práticas de ensino e aprendizagem?

Entrevistada: Eu acho que as pessoas que mudam as suas práticas para uma aula assistida é um erro. Isso não é a mudança da prática corrente. Se Houve pessoas que se preparam para aquela aula é porque alguma coisa está mal. Isso acontece na altura em que estamos em estágio. As coisas não podem ser assim!

Eu: No dia a dia, não é assim que acontece?

Entrevistado. Claro que não! As pessoas têm de ter consciência que isto é um processo de avaliação e têm que agir naturalmente e não de se preparar para as aulas que vão ser observadas.

Eu: Muito bem! Acha que as duas aulas em que a professora foi avaliada foram suficientes para perceber quais eram as suas práticas?

Entrevistada: Neste caso sim! A minha avaliadora já conhecia as minhas práticas. Ela sabe a forma como eu trabalho, a forma como eu dou as minhas aulas. Também penso que a forma como o processo decorria antigamente, não era suficiente. Lembro-me que quando os inspetores iam observar uma aula, essa observação era nitidamente insuficiente. Eles não conhecem a realidade da turma, não têm noção, não conhecem o nível social das pessoas. Fazem uma avaliação sem bases. Não se podem observar as práticas de um professor em uma ou duas aulas.

Eu: Na preparação das suas aulas teve a colaboração da professora avaliadora?

Entrevistada: Não! Como só apresentei um plano de aulas, a minha nota desceu e eu não percebi porquê. Na minha aula, dei vários exercícios com

vários graus de dificuldade, como sempre faço. Ela (avaliadora) disse-me que não podia apresentar um só plano de aula (1ª aula observada) porque assim teria sempre uma alternativa. Na 2ª aula observada, apresentei três, porque a aula era ao ar livre.

Eu: Tinha portanto outras estratégias na “manga”

Entrevistada: E nós temos sempre uma outra estratégia na manga? Como não sabemos o que vai acontecer, por isso temos sempre uma estratégia .

Eu: Há sempre imprevistos.

Entrevistada: Claro! Há sempre imprevistos!

Eu: Muito bem! Acha que a avaliação de desempenho implicou mudanças nas práticas e de colaboração dos professores?

Entrevistado: Não me parece!

Eu: Muito bem! Os professores continuam a fazer o que faziam, a ter as mesmas práticas?

Entrevistada: Continuam a fazer exatamente a mesma coisa.

Eu: Então, este processo não veio contribuir para a mudança das práticas dos professores?

Entrevistada: Continua-se a fazer exatamente o mesmo.

Eu: Teve oportunidade de trocar e partilhar experiências pedagógicas com o professor avaliador e com os seus colegas também avaliados?

Entrevistada: Não! Aqui as coisas foram muito estanques. As pessoas também não falam do processo, não falam umas com as outras sobre a forma como está a correr o processo.

Eu: As pessoas sentiam-se inibidas, tinham medo? Este processo gerou medo?

Entrevistada: Eu acho que sim! Houve medo! Penso que esse medo teve mais a ver com o resultado da avaliação, com a nota e a questão das cotas.

Eu: As pessoas falavam do processo?

Entrevistada: Não!

Eu: Foi, então, um processo muito fechado.

Entrevistada: Muito fechado! No grupo as pessoas falavam , mas para além disso, nada!

Eu: Muito bem! Após a observação das aulas, reuniu com o professor avaliador para refletir acerca do processo?

Entrevistado: Sim! Reunimos no fim da aula, até para saber o que é que tinha de melhorar, fizemos uma reflexão.

Eu: Essa reflexão foi registada, ou não?

Entrevistada: Sim! Foi uma reflexão informal. Eu fiz a minha reflexão, a minha avaliadora fez os seus registos/reflexão e depois trocamos opiniões. Os exercícios que dei nas aulas começaram com um grau de dificuldade fácil e progressivamente a dificuldade foi aumentando. A relação pedagógica que eu tenho com os meus alunos é ótima. Eu dou-me muito bem com eles. Vou com eles para todo o lado.

Eu: A relação que tem com os seus alunos facilita as suas práticas?

Entrevistada: A relação que estabeleço com eles facilita muito as minhas práticas.

Eu: A comunicação entre avaliado e avaliadora estabeleceu-se de que forma? Que meios foram utilizados?

Entrevistado: Era essencialmente presencial. Nós encontrávamo-nos todos os dias.

Eu: Aqui na escola?

Entrevistada: Sim! Neste espaço.

Eu: Reuniram muitas vezes?

Entrevistada: Sempre que era necessário.

Eu: Muito bem! Que evidências, que registos teve de reunir para o seu processo de avaliação?

Entrevistada: Evidências? Eu não tive essa necessidade. Os registos faço-os para os meus alunos e para a escola. Eu tenho vários projetos na escola e estão documentados com vídeos, fotografias, etc, Quem quiser pode consultar. Mesmo quando foi da elaboração do relatório, eu não fiz nada disso.

Eu: Está a falar do *dossiê*, do portefólio, do quê?

Entrevistada: Do *dossiê*.

Eu: Quais eram os itens que faziam parte desse *dossiê*?

Entrevistada: Eu e a avaliadora vimos o que era necessário e decidimos o que era mais importante e foi isso que pus. Mas também nem sempre registo tudo.

Eu: Está a dizer que a professora nem sempre fez uma reflexão, por escrito, da sua prática?

Entrevistada: Sim! Faço as minhas reflexões, mas registo-as em folhas soltas.

Eu: Não tem por hábito reunir esses registos?

Entrevistada: Não! Eu tenho boa memória e não me esqueço do que devia ter feito e não fiz, do que devo melhorar. Se fiz de uma maneira e não resultou, devo fazer de outra. Tenho tudo registado na minha cabeça. Essa reflexão faço-a sempre.

Eu: Tem, sempre, em atenção a reflexão que fez, para modificar as suas práticas?

Entrevistada: Sim! Eu faço isso diariamente.

Eu: É uma prática comum?

Entrevistada: Sim! Evidente! Só que não a registo. Se correu mal, penso noutra estratégia e no dia seguinte tento implementá-la. Não faço isso só porque estou a ser avaliada. A minha prática é a mesma, sendo avaliada ou não.

Eu: não sentiu grandes mudanças?

Entrevistada: Não! Mas há dias em que tenho a sensação que podia ter feito melhor, mas isso é normal.

Eu: Como avalia a sua capacidade e liberdade de decisão durante o processo de avaliação de desempenho?

Entrevistada: Tive liberdade total. Segui algumas diretrizes, mas fiz tudo da forma que entendia, mas nada foi diferente daquilo que eu fazia todos os dias.

Eu: No caso dos seus colegas?

Entrevistada: Não sei! Nós não conversávamos! Sei que os professores avaliados do grupo de Educação Física, tiveram essa liberdade, até porque nós conversávamos. Os outros, não sei!

Eu: O professor avaliador incentivou a sua autonomia?

Entrevistada: Sempre! Não era uma questão de incentivo, até porque não há incentivo. Nós já fazemos isso normalmente. Eu posso fazer o que eu quero. Evidente que estando numa escola, temos determinadas normas e regras. Além disso, as pessoas são livres de fazer aquilo que bem entendem, têm autonomia. Temos a nossa planificação (Eu só faço a minha depois de conhecer a turma) e depois vou adaptando conforme a turma. Quando conheço

os alunos, é diferente. Quando tenho os alunos pela 1ª vez tenho primeiro de os conhecer e aí sim, depois adapto consoante a realidade da turma e tenho de estar sempre a mudar e a alterar. É isso que se pretende ou não?

Eu: Muito bem! Acha que este processo veio contribuir para o desenvolvimento da autonomia?

Entrevistada: Não me parece! Eu acho que isto não contribuiu para nada! Contribuiu para que haja discriminações. Há escolas em que as pessoas tiveram todas a mesma avaliação e isso não pode ser. Contribuiu também para que as pessoas que, efetivamente trabalhavam, achassem que esta avaliação não valeu muito a pena. As pessoas devem esforçar-se e trabalhar. Não é o trabalhar para esta avaliação. É mesmo o trabalharem, estarem na escola a participar em projetos e outras coisas. Depois, quando se tem uma avaliação (nota) igual a quem nunca fez nada, quanto a mim isso contribuiu para a discriminação!)

Eu: Sente-se esse desconforto na escola?

Entrevistada: Eu penso que sim!

Eu: Este processo não promoveu uma reflexão sobre as práticas do professor?

Entrevistada: Penso que não! Essa reflexão, faço-a todos os dias, só que não a registo. Este processo não veio trazer nada de novo. Estamos muito mal, se as pessoas só refletirem, nomeadamente em relação às aulas que foram observadas.

Eu: A reflexão que faz tem sempre como objetivo a modificação das suas práticas de ensino-aprendizagem?

Entrevistada: É evidente! Eu trabalho para os meus alunos e com os meus alunos. Isso para que eles consigam adquirir uma melhor aprendizagem, mais facilitada, mais complexa. Conseguirem ter uma visão das coisas diferentes. Não há dúvidas que devemos refletir sobre as práticas.

Eu: Qual a importância da autoavaliação (obrigatória) na reflexão sobre as suas práticas?

Entrevistada: É obrigar-me a escrever! A pensar e a começar a fazer registos das coisas que eu não fazia. Obriga-me talvez a ser mais organizada!

Eu: Muito bem! Quer acrescentar mais algum dado que seja pertinente em relação ao processo de avaliação de desempenho docente, que ocorreu o ano passado?

Entrevistada: Não! Acho que já me colocou todas as perguntas pertinentes! Só acho que todos os professores deviam ter pedido aulas assistidas, para o Ministério perceber que assim o processo não funciona. Questiono-me até quando é que vamos continuar a ser cobaias do Ministério? E mais acrescento que não sei até que ponto as pessoas (os avaliadores) que estiveram no terreno tinham formação para fazer essa avaliação e serem isentas do meio envolvente.

Eu: Sentiu que a sua avaliadora estava preparada?

Entrevistada: Ela estava, porque era do mesmo grupo. Tive conhecimento de casos graves. Os avaliadores não estavam preparados. O professor não avalia só as práticas pedagógicas, tem também que avaliar os conteúdos e a componente científica.

Eu: Faz sentido que haja avaliação externa?

Entrevistada: Muito mais! As faculdades têm pessoal especializado, assim sendo penso que devem vir às escolas fazer a avaliação. Este seria um caminho a seguir. Penso que a avaliação tem que ser repensada. Agora tudo depende do Ministério de Educação.

Eu: Muito bem! Mais uma vez agradeço-lhe a sua colaboração! Muito obrigada!

.....**FIM**.....

